

A agência feminina em Cuba: Mariana Grajales e o Pelotão Feminino na Revolução Cubana

Female agency in Cuba: Mariana Grajales and the Women's Platoon in the Cuban Revolution

Mariana Ventura Martins¹, UFRRJ

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma nova proposta de interpretação historiográfica sobre a Revolução Cubana. Valendo-nos dos preceitos da História das Mulheres, abordaremos o processo revolucionário a partir da participação feminina, em específico, do *Pelotón Mariana Grajales*, conhecido popularmente como “Las Marianas”, fundado em 1958 e originalmente composto por treze mulheres. O nome da organização militar é uma referência a Mariana Grajales (1815-1893), mulher negra, que viveu durante o século XIX e atuou na Guerra dos Dez anos (1868-1878), a primeira fase do movimento de independência cubano. Posteriormente, Grajales recebeu o título de *madre de la pátria*.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Pelotão Mariana Grajales; Mulheres em Cuba; Mariana Grajales.

Abstract

This article aims to present a new historiographical interpretation of the Cuban Revolution. Drawing on the principles of Women's History, we examine the revolutionary process through the lens of female participation, focusing in particular on the *Pelotón Mariana Grajales*, popularly known as “Las Marianas.” Founded in 1958, the unit was originally composed of thirteen women. The name of this military organization pays tribute to Mariana Grajales (1815-1893), a Black woman who lived in the 19th century and played an active role in the Ten Years' War (1868-1878), the first phase of Cuba's independence movement. Grajales was later honored with the title *madre de la patria*.

Keywords: Cuban Revolution; Mariana Grajales Platoon; Women in Cuba; Mariana Grajales.

Introdução

Os eventos políticos que transcorreram em Cuba no século XX são um tema recorrente na historiografia brasileira (Prado, 2013; Ayerbe, 2004; Bandeira, 2009), principalmente a Revolução vitoriosa, em janeiro de 1959, episódio no qual se destacaram nomes como Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. Ao enfatizar os sujeitos masculinos, estes trabalhos têm preconizado uma imagem de guerrilha como uma vivência masculina, por excelência. Neste âmbito, são poucos os estudos que se dedicam a pensar a agência das mulheres.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPHR/UFRRJ). Bolsista CAPES. E-mail: mariana.martins@outlook.com.

O processo de independência do século XIX foi um tema bastante evocado durante os anos da guerrilha, isto é, o discurso de tradição e continuação de uma luta pela liberdade e autonomia cubana. Após o êxito dos revolucionários, poemas e canções também foram importantes no processo de vinculação da Revolução de 1959 ao processo de independência, evocando os principais personagens, entre eles: Mariana Grajales, José Martí² e Antonio Maceo³. Logo, compreendemos que o regime revolucionário, a fim de conferir legitimidade à nova ordem política vigente, se apropriou de símbolos do século XIX referentes à independência.

Os eventos ocorridos em Cuba durante o século XIX marcaram o início do que podemos chamar de tradição de luta. A historiografia costuma atribuir uma relação de continuidade entre o processo de independência do século XIX e os eventos do século XX, pois ao longo desse período, Cuba não era completamente soberana, primeiro com o domínio espanhol, depois a intervenção dos Estados Unidos da América⁴, e, por fim, uma ditadura militar encabeçada por Fulgencio Batista⁵.

Os acontecimentos que transcorreram em Cuba após o triunfo da Revolução foram responsáveis por significativas transformações sociais para as mulheres e na luta por seus direitos, pois elas se organizaram politicamente dentro da *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC)⁶. Além disso, destacamos que este processo revolucionário tem se mostrado frutífero

² José Martí (1853-1895), filho de pais espanhóis, iniciou sua participação política escrevendo em jornais separatistas. Morreu em combate no vilarejo de “Dos Ríos”, província do Oriente, Cuba. Sua obra mais famosa é *Nuestra America*, onde defende a unidade da América Espanhola e a luta contra o imperialismo. Disponível em https://www.ecured.cu/Jos%C3%A9_Mart%C3%AD. Acesso em: 10 abr. 2025.

³ José Antonio de la Caridad Maceo y Grajales (1845- 1896) foi um líder e estrategista nas guerras de independência de Cuba, no século XIX. Caiu em combate em 1896. Foi o primeiro filho do segundo casamento de Mariana Grajales Cuello.

⁴ Maria Lígia Prado aponta que Cuba transicionou diretamente do domínio espanhol para uma nova forma de dependência externa, sem mediação por processos autônomos ou institucionais (Prado, 1994, p. 62).

⁵ Fulgencio Batista Zaldívar (1901-1973) nasceu em uma família de origem humilde e seguiu uma trajetória notável, desde sua entrada no exército como soldado até alcançar o posto de sargento. Sua ascensão política foi marcada por um golpe militar em 1933, que o levou a se tornar coronel e chefe do exército. Posteriormente, exerceu a presidência da República de Cuba entre 1940 e 1944, e mais tarde, comandou a ditadura cubana de 1952 a 1959.

⁶ Conforme destaca Francisca de Haan, a criação da *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC) já figurava com pauta nos congressos da *Federación Democrática Internacional de Mujeres* (FDIM), entidade fundada na França, em 1945, antes mesmo de sua fundação, em 1960, o que permite compreender que tal iniciativa não partiu exclusivamente da direção da Revolução. Ademais, Vilma Espín, militante revolucionária e presidenta da FMC entre 1960 e 2007, também participou da FDIM, evidenciando a articulação entre o movimento feminino cubano e as redes internacionais de mulheres (Haan, 2017). A FMC teve como principal objetivo unificar os diversos movimentos políticos femininos em uma única organização. A centralização das organizações femininas em Cuba foi entendida como uma estratégia para uniformizar tanto as práticas quanto os discursos direcionados às mulheres, atribuindo ao Estado a função de legitimar essa condução. Desse modo, as pautas relacionadas aos direitos femininos passaram a ser canalizadas por meio da *Federación de Mujeres Cubanas*, que atuava como instância responsável por responder e organizar essas demandas. Schactae destaca que, em 1958, das treze pessoas que compunham a direção do Movimento 26 de Julho, apenas três eram mulheres.

quanto à construção discursiva nacionalista sobre o ideal de gênero e os usos da memória. Destes, destacamos, em específico, a retomada da figura de Mariana Grajales, mulher negra que viveu no século XIX e participou da primeira fase das lutas pela independência de Cuba, a Guerra dos Dez Anos (1868-1878).

Indo além, os trabalhos sobre o processo de independência passam pela mesma problemática, pois, em sua maioria, se concentram na figura de José Martí. Com isso, não intentamos desmerecer a relevância dos sujeitos previamente citados, mas enfatizar a necessidade de incluir as mulheres como agentes ativos nas narrativas históricas. Desse modo, o objetivo do artigo consiste em salientar a agência feminina cubana, através da figura de Mariana Grajales Cuello (1815-1893) e o Pelotão Feminino Mariana Grajales, apresentando outra perspectiva acerca da história cubana, em muitos momentos, construída apenas com o ativismo e o heroísmo masculino, silenciando as mulheres.

Durante o século XX, a partir da década de 1970, com o advento de novas abordagens historiográficas, os estudos voltados para as mulheres passaram a ganhar espaço e reconhecimento na academia. Nesse cenário, a historiadora francesa Michelle Perrot tornou-se uma das vozes mais influentes ao advogar pela necessidade de considerar as mulheres como sujeitos históricos dotados de agência e protagonismo. Em suas análises, Perrot defende que compreender a história das mulheres é também reinterpretar criticamente a história em sua totalidade, desestabilizando o cânone tradicional e ampliando os horizontes de investigação (Perrot, 1995, p.9-10). No Brasil, a professora Rachel Soihet também constatou a marginalização das mulheres nos estudos históricos (Soihet, 1997, p. 275-277).

De igual maneira, Perrot afirma que “o militar, o religioso, o político, como as três ordens da Idade Média, constituem três santuários que fogem às mulheres. Núcleos de poder, são os centros de decisão, real ou ilusória, ao mesmo tempo que símbolos da diferença dos sexos”. No entanto, a autora destacou os lugares que competem às mulheres, como lavanderias, igrejas e outros espaços que tradicionalmente representam a feminilidade (Perrot, 1998, p. 37, 117-127).

Assim, entendemos que mulheres que ocupam espaços considerados masculinos são constantemente invisibilizadas nas narrativas oficiais. Na obra *La tierra gira masculinamente, compañero: el ideal de masculinidad del guerrillero*, Andreas Goosses afirma que Che Guevara denominava o guerrilheiro ideal como masculino. Para ele, as mulheres deveriam

Posteriormente, a presença feminina também permaneceu reduzida no Partido Comunista Cubano (PCC). Embora durante a luta armada houvesse um discurso de incorporação das mulheres aos espaços de poder, é possível observar que sua participação era proporcionalmente mais expressiva nesse período do que na estrutura estatal cubana da década de 1970 (Schactae, 2017, p. 5-6).

pegar em armas, ou seja, participar efetivamente da luta armada, apenas em situações de extrema necessidade. No entanto, poderiam exercer outras tarefas como: cozinheiras, professoras e enfermeiras, funções tradicionalmente atribuídas às mulheres (Goosses, 2001, p. 216). Dessa maneira, corroboramos com a compreensão de que a guerrilha foi historicamente construída e representada como um espaço tradicionalmente associado à masculinidade. Segundo Andrea Mazurok Schatae, a construção da imagem do guerrilheiro no contexto da Revolução Cubana constitui-se também como um processo de elaboração de um ideal de virilidade, ancorado na tradição cultural ocidental, e marcado por atributos como força, coragem, bravura, domínio bélico e predisposição ao combate (Schatae, 2021, p. 3).

Mesmo com a persistência dos cânones patriarcais, as mulheres passam, aos poucos, a ocupar espaço na historiografia, como também na memória e identidade nacional, como pretendemos apresentar nas próximas páginas deste artigo. Dando importância à atuação feminina na história de Cuba, nosso objetivo é apresentar e destacar as ligações entre Mariana Grajales Cuello, mulher do século XIX, e o Pelotão Feminino Mariana Grajales, fundado em meados do século XX. Mas quem foi Mariana Grajales? Qual era sua importância? E por que recebe uma homenagem de guerrilheiras?

Mariana Grajales Cuello (1815-1893)

Compreendemos que a Cuba do século XIX foi tanto o cenário do apogeu do colonialismo escravista quanto o momento de origem da luta anticolonial. É neste contexto, inserida em um sistema social escravista e patriarcal, que Mariana Grajales, mulher negra, originária de Santiago de Cuba, viveu. A sua trajetória enquanto uma mulher de origem humilde tipificada como “parda livre”⁷ foi atravessada por indicadores sociais como os de raça, classe e gênero⁸.

Segundo Adys Cupull e Froilán González, no livro *Mariana: Raíz del alma cubana* (2017), os biógrafos de Grajales afirmam haver uma variedade de versões sobre os primeiros anos da vida dessa personagem no imaginário social cubano. É digno de nota que a grafia de um de seus sobrenomes também apresenta variações, não havendo um consenso estabelecido. Sob certas circunstâncias, encontramos “Cuello”, enquanto em outros, “Coello”. Dentre estes, optamos pelo uso do primeiro. A pesquisadora cubana Lúdia Sánchez-Fujishiro enfatiza a

⁷ Pessoa de descendência africana, que não era escravizada. Os pardos livres não possuíam os mesmos direitos e privilégios dos brancos, mas não estavam sujeitos à condição de escravidão (Souza, 2023, p.3).

⁸ Quando me refiro a esses atravessamentos, estou fazendo referência ao conceito de interseccionalidade, formulado inicialmente por Kimberlé Crenshaw (1989), que propõe a análise das múltiplas camadas de opressão como gênero, raça e classe que incidem simultaneamente sobre determinados grupos sociais, produzindo formas específicas de marginalização.

importância da oralidade para compreender a trajetória de Grajales, especialmente em sua fase inicial, onde fatos e lendas se confundem (Sánchez- Fujishiro, 2017, p. 151).

Somando a pluralidade de narrativas em torno de Mariana Grajales, ao nos dedicarmos à biografia desta importante personagem da história cubana, temos de lidar com adversidades metodológicas, como a escassez de fontes primárias e a dificuldade de acesso às fontes remanescentes. À vista disso, salienta-se, com base em Lúcia Sánchez-Fujishiro, que Grajales não possuía a habilidade de ler e escrever⁹, por esse motivo, não nos deixou nenhum legado escrito. Como consequência, os estudos realizados sobre sua vida são fundamentalmente baseados em relatos de outros indivíduos, em sua maioria, homens.

A partir dos registros de batismo da Paróquia Santo Tomás, estima-se que essa personagem cubana tenha nascido no dia 12 de julho de 1815, na cidade de Santiago de Cuba. É imprescindível destacar que Grajales foi contemporânea ao período de escravidão em Cuba, abolida somente em 1886, logo, a sua trajetória é marcada por questões raciais. Proveniente de família de negros livres e contexto social desfavorecido, era filha de José Grajales Matos e de Teresa Cuello Zayas.

Durante a juventude, por volta dos dezesseis anos, Mariana uniu-se em casamento com Fructuoso de Los Santos Regüeyferos Hechevarría¹⁰. A partir dessa união, nasceram quatro filhos. Após sete anos de casamento, ficou viúva. Em 1841, Mariana contraiu matrimônio novamente. O segundo marido, Marcos Maceo, também era pardo livre. Juntos tiveram dez filhos, dentre os quais destacam-se Antonio Maceo e José Maceo¹¹, que obtiveram maior reconhecimento nas lutas por independência e foram alcunhados, respectivamente, de titã de bronze e leão do oriente.

Atentando ao fato de que a família Maceo-Grajales era racializada, categorizada como parda livre, são descritos por Cupull e González como inconformados com o sistema colonial e escravista. Os autores afirmam que Mariana foi identificada como um pilar essencial no seio familiar, pois ela desempenhou forte influência na construção do pensamento político do esposo e dos filhos. Em setembro do ano de 1868, os Maceo-Grajales foram pioneiros ao estabelecerem o primeiro conselho revolucionário na região de Santiago de Cuba, semente de um projeto de oposição que crescia na ilha caribenha (Cupull; González, 2017, p. 23-24).

⁹ A autora destaca que Mariana Grajales era uma mulher sem estudos.

¹⁰ Não encontramos evidências para afirmar que também era um pardo livre. Porém, considerando a forma que viviam, acreditamos que estava inserido nessa categoria.

¹¹ José Marcelino Maceo Grajales (1849-1896) foi combatente nas lutas pela independência. Terceiro filho do segundo casamento de Mariana Grajales.

A emergência de Mariana Grajales como importante personagem de Cuba se deu em um contexto de insurgência popular, efervescência política e do início das lutas pela independência de Cuba no ano de 1868. Ela atuou principalmente em tarefas atribuídas ao cuidado, como enfermeira, e viveu próxima às tropas do exército mambí¹². Posteriormente, a partir de uma delação, os espanhóis tomaram conhecimento da participação dos Maceo-Grajales nas lutas anticoloniais e a família passou por grave perseguição, e durante a primeira fase da guerra, faleceram o marido, Marcos, e cinco de seus filhos.

Após uma década de disputas, em 1878, firmou-se o “*Pacto Del Zanjón*”, cujo principal objetivo era encerrar os conflitos bélicos em Cuba. Depois do acordo de cessar-fogo, Mariana Grajales foi para o exílio em Kingston, capital jamaicana, e mesmo em outro país, Grajales continuou colaborando com a causa independentista, pois sua casa se converteu em um centro de simpatizantes da independência e combatentes exilados. Em 27 de novembro de 1893, Mariana Grajales faleceu no exílio, sendo enterrada no Cemitério Católico Romano de Saint Andrew’s. Seu corpo só retornou a Cuba em 1923 (Cupull; González, 2017, p. 35-36).

Enquanto o século XIX ainda vigorava, Grajales ganhou destaque como um exemplo máximo de patriotismo, a mãe que incentivou os filhos a lutarem pela soberania nacional, mesmo que morressem pela causa. Figuras contemporâneas a chamavam de “sublime matrona”. No dia 25 de maio de 1893, José Martí, em carta para Antonio Maceo, descreveu Mariana como “*una de las mujeres que han movido mi corazón*”. Em outra correspondência, ele destaca que foi tratado de maneira afetuosa e como um filho, “*vi la anciana dos veces, y me acarició y miró como a hijo, y la recordaré con amor toda mi vida*” (Martí, 1991, v.2, p.328-329, 460). Após a morte de Grajales, Martí escreveu no Periodico Patria o texto “*La madre de los Maceo*”, onde, entre elogios, a denominou como a “raiz da alma cubana”.

¿Qué había en esta mujer, qué epopeya y misterio había en esa humilde mujer, qué santidad y unción hubo en su seno de madre, qué decoro y grandeza hubo en su sencilla vida, que cuando se escribe de ella como de la raíz del alma con serenidad de hijo, y como de entrañable efecto? Así queda en la historia, sonriendo al acabar su vida, rodeada de los varones que pelearon por su país, criando a sus nietos para que peleen (Martí, 1991, v.5, p. 26. Grifo nosso)¹³.

¹² Segundo Richard Gott, a palavra “mambí”, cunhada pejorativamente pelos espanhóis para denominar os negros rebeldes de Santo Domingo, é uma derivação do termo “mbi”, referência de origem africana, uma forma de insinuar que eram bandidos e criminosos. O título foi novamente utilizado nas guerras pela independência de Cuba, entretanto, passou por um processo de ressignificação, onde os próprios negros adotaram a palavra, como forma de se destacarem (Gott, 2006, p. 91).

¹³ O que havia nessa mulher, que epopeia e mistério haviam nessa mulher humilde, que santidade e unção haviam em seu seio de mãe, que decoro e grandeza havia em sua vida simples, que, ao escrever sobre ela como se escreve da raiz da alma com serenidade de filho e com profundo afeto? Assim, ela permanece na história,

Observamos, a partir do caso de Martí, que ainda no século XIX, tinha-se a construção discursiva em torno de Mariana Grajales, na qual evidenciava-se, sobretudo, a sua maternidade, representada como uma figura abnegada e patriótica. O uso de sua imagem e memória persistiu no século seguinte, seja com nome de hospitais, escolas, praças, estátuas, etc. Neste artigo, enfatizamos, por sua vez, o uso feito, em setembro de 1958, que na ocasião do processo revolucionário em Cuba fundaram um pelotão e o nomearam de “Pelotão Feminino Mariana Grajales”, popularmente conhecido como *Las Marianas*.

Originalmente, composto por treze mulheres. São elas: Isabel Luisa Rielo Rodríguez, Olga Esther Guevara Pérez (Olguita), Ángela Antolín Escalona (Angelina), Edemis Tamayo Núñez (*la Gallega*), Orosia Soto Sardina, Flor Celeste Pérez Chávez, Eva Rodríguez Palma, Lilia Rielo Rodríguez, Rita García Reyes, Juana Bautista Peña Peña, Ada Bella Acosta Pompa, Norma Rosa Ferrer Benítez e Delsa Esther Puebla Viltres (Teté Puebla).

O sociólogo britânico Stuart Hall destaca que a identidade não é algo fixo, mas, ainda assim, ela faz parte de um processo incessante de construção e conciliação, impactado pelo âmbito cultural e social (Hall, 2008, p. 106-109). Desta forma, as mulheres engajadas na luta armada, *Las Marianas*, integram uma lógica de construção identitária para o movimento insurgente, articulada pela necessidade de conectar as lutas do século XIX ao contexto do século XX, por meio da mobilização de símbolos e do resgate de personagens históricos, reafirmando a perspectiva de uma resistência constante pela soberania nacional que tem suas raízes no período colonial. À luz de Hall, sublinhamos que a identidade guerrilheira se estrutura a partir da concepção de uma herança de resistência. E, as mulheres militantes, para se vincularem a esse passado, recuperam o nome e a imagem de Mariana Grajales.

No tocante ao resgate da memória de Mariana Grajales, precisamos nos atentar para a criação do Pelotão Feminino Mariana Grajales, popularmente conhecido como *Las Marianas*. Mas quem foram essas mulheres? E qual é a importância de sua atuação durante a década de 1950?

É necessário reiterar a importância da memória simbólica do processo de independência na formação dos guerrilheiros de 1959, sobretudo na evocação de personagens do século XIX, considerados marcantes na luta pela soberania de Cuba, como José Martí e Mariana Grajales, que, postumamente, foi homenageada pelas mulheres do exército rebelde, atribuindo seu nome a uma unidade militar totalmente feminina.

sorrindo ao final de sua vida, rodeada pelos homens que lutaram por seu país, criando seus netos para que também lutem (Martí, 1991. Tradução nossa).

Sabe-se que as mulheres já participavam das fileiras do *Movimiento 26 de Julio* (M-26)¹⁴ desde sua formação e se envolveram em atividades em Sierra Maestra¹⁵. No entanto, por muito tempo houve certa relutância, por parte dos homens, para que essas mulheres não pegassem armas para combater. Ainda assim, a participação feminina se fez presente desde o início do processo revolucionário em Cuba.

Entre as mulheres que exerceram papel relevante na luta armada, pode ser mencionada Celia Sánchez Manduley (1920-1980), que nasceu em Manzanillo, próximo à Sierra Maestra. Foi membro fundador do Partido Ortodoxo nos anos de sua juventude, em 1947. Coordenou a campanha de anistia dos prisioneiros de Moncada; em 1955, foi membro fundador do M-26, sendo a principal liderança de Manzanillo. Desta maneira, Sánchez organizou a rede urbana de abastecimento e recrutamento do Exército Rebelde. Sánchez foi a primeira mulher combatente a ingressar no *Ejército Rebelde* em abril de 1957, considerada o braço direito de Fidel Castro. Cabe ressaltar ainda que Sánchez pertenceu ao comando geral da organização desde outubro de 1957. Nesse mesmo ano, Che Guevara, em seu diário, a descreveu como uma mulher ativa (Guevara, 2012)¹⁶. Posteriormente, Sánchez recebeu o título de “*heroína de la sierra*”. Enfatizamos que sua influência ajudou a promover a formação do Pelotão feminino Mariana Grajales.

A análise dos manuscritos permitiu observar os desdobramentos que antecederam a formação dessa unidade militar, incluindo as articulações realizadas por mulheres para viabilizar a criação de um grupo composto predominantemente por elas. Destacam-se, também, as ações e decisões do principal líder do processo revolucionário, Fidel Castro, no sentido de promover a integração das mulheres na luta armada. Vale reforçar que a criação do Pelotão Mariana Grajales não foi encabeçada somente por Castro, mas partiu das próprias mulheres.

Em *La contraofensiva estrategica*¹⁷, um livro elaborado por Fidel Castro, cujo principal objetivo era narrar as vitórias do exército revolucionário entre 6 de agosto de 1958 e

¹⁴ O Movimento 26 de Julho foi uma organização revolucionária cubana liderada por Fidel Castro, formada após o fracassado assalto ao Quartel de Moncada em 26 de julho de 1953. Tornou-se a principal força de oposição à ditadura de Fulgencio Batista, culminando na Revolução Cubana de 1959.

¹⁵ A Sierra Maestra, cadeia montanhosa localizada no sudeste de Cuba, desempenhou papel estratégico fundamental na Revolução Cubana, servindo como refúgio e base de operações para os guerrilheiros do Movimento 26 de Julho. Seu terreno acidentado e de difícil acesso favoreceu a guerra de guerrilha contra as forças do regime de Fulgencio Batista.

¹⁶ “Das mulheres, Haydée me parece a mais bem orientada politicamente, e Vilma a mais interessante; Celia Sánchez é muito ativa (...)” Passagem do dia 28 de fevereiro de 1957.

¹⁷ Os trechos aqui trabalhados também estão disponíveis em <http://www.cubadebate.cu/especiales/2010/10/29/lacontraofensiva-estrategica-septiembre-de-1958/>. Acesso em 22 mai. 2025.

o êxito da revolução em janeiro de 1959, consta, na documentação do mês de setembro de 1958, que já havia uma mobilização no mês anterior para a introdução das mulheres na luta armada:

A finales de agosto había presidido una reunión con los oficiales, en el hospital de La Plata, en la que se discutió la incorporación de las mujeres guerrilleras -hasta ese momento haciendo labores de retaguardia- como combatientes en la línea de fuego (Castro, 2010, p.69. Grifo nosso)¹⁸.

Nessa documentação, percebemos que já havia uma movimentação relacionada à participação feminina, o que nos leva a pensar que existia certo apoio à causa. Reforçando essa ideia, Teté Puebla¹⁹, que foi vice-presidente do pelotão e recebeu posteriormente o título de general, salientou que, após insistência feminina, Fidel Castro, o comandante-chefe, concordou com a participação efetiva das mulheres na luta armada. A formação do Pelotão Feminino Mariana Grajales foi fruto dessa movimentação, como aponta outro trecho retirado do livro *La contraofensiva estrategica*:

Frente al criterio de algunos, hablé finalmente y durante largo rato, los convencí del derecho de la mujer a luchar también con las armas en la mano. [...] El 3 de septiembre quedó organizado el pelotón femenino Mariana Grajales, nombre de la madre de Antonio Maceo y ejemplo de patriota cubana (Castro, 2010, p.69. Grifo nosso)²⁰.

Observamos que Fidel Castro reitera a resistência de alguns oficiais do exército revolucionário, pois ele precisou convencê-los a concordarem com a ideia de participação das mulheres na guerrilha. Por outro lado, atentamos para uma divergência sobre a data de fundação do Pelotão, pois Castro, em seus escritos, aponta o dia 3 de setembro de 1958²¹ enquanto Teté Puebla e diversas outras obras apontam o dia 4 de setembro do mesmo ano²².

De acordo com Puebla, em uma reunião que agrupou o Estado Maior do chefe, houve uma discussão que durou aproximadamente oito horas, na qual ocorreu certa hesitação de alguns homens com relação ao ingresso feminino na guerrilha. Segundo Puebla, o principal argumento desses indivíduos foi a escassez de armas, uma vez que consideravam injusto

¹⁸ No final de agosto, ele havia presidido uma reunião com os oficiais, no hospital de La Plata, na qual se discutiu a incorporação das mulheres guerrilheiras – até então desempenhando funções na retaguarda – como combatentes na linha de frente (Castro, 2010, p.69. Tradução nossa).

¹⁹ Teté Puebla (1938-) após a vitória revolucionária, seguiu carreira nas Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, tornando-se a primeira mulher a alcançar o posto de general de brigada no país.

²⁰ Diante da opinião de alguns, falei por fim e durante um longo tempo, e os convenci do direito da mulher de lutar também com as armas nas mãos. [...] No dia 3 de setembro, foi organizado o pelotão feminino Mariana Grajales, nome da mãe de Antonio Maceo e exemplo de patriota cubana (Castro, 2010, p.69. Tradução nossa).

²¹ A divergência de data está na página 69 do livro *La Contraofensiva Estrategica* (2010).

²² Ver https://www.ecured.cu/Las_Marianas.

armar as mulheres enquanto havia homens desarmados. Ao passo que Castro respondia que as mulheres eram melhores soldados, pois eram mais disciplinadas. Ele estava decidido a formar o pelotão feminino, e se comprometeu a ensiná-las a atirar e foi o responsável pela escolha do nome que faz referência a uma das principais figuras do processo de independência do país (Waters, 2018, p. 50-53). Sobre a liderança do Pelotão, Fidel Castro afirmou que:

*Designé al frente del pelotón de mujeres, con el grado de teniente, a la enfermera rebelde Isabel Rielo, quien llegó a ostentar el grado de capitana de las Fuerzas Armadas Revolucionarias. Como segunda al mando fue nombrada la teniente Teté Puebla. (Castro, 2010, p.69. Grifo nosso)*²³.

Como aponta Teté Puebla, no encontro do dia 4 de setembro de 1958, Isabel Rielo²⁴ foi definida como chefe e Puebla a segunda no comando do pelotão. Segundo a mesma, a decisão foi tomada a partir da melhor pontaria entre as duas, e foi determinado que o pelotão portaria apenas fuzil M-1 (Waters, 2018, p. 53-54).

Nos registros elaborados por Castro, percebemos que o rito de iniciação, a primeira missão com armas, chamada “*bautismo del fuego*”, aconteceu no mesmo mês de formação do pelotão, no dia 27 de setembro de 1958. O denominado “Combate de Cerro Pelado” ocorreu em Cerro Pelado, no município de Bartolomé Masó.

*El pelotón de mujeres rebeldes, Mariana Grajales, entró en acción por primera vez en este combate, soportando firmemente, sin moverse de su posición el cañoneo de los tanques Sherman. Este fué uno de los combates donde hubo más precisión, más coordinación entre las distintas armas y unidades. (Castro, 2010, p.95. Grifo nosso)*²⁵.

A partir das fontes, podemos constatar que as guerrilheiras tiveram uma participação importante e estratégica nos combates em que se envolveram e contribuíram fortemente para o avanço da Revolução Cubana, haja vista que saíram vitoriosas em todos os confrontos em que participaram. Nesse sentido, as principais personagens da Revolução de 1959 passaram a integrar a memória revolucionária, como mostrou o poema *Marcha Triunfal del Ejército*

²³ Designei para liderar o pelotão de mulheres, com o posto de tenente, a enfermeira rebelde Isabel Rielo, que chegou a ostentar o posto de capitã das Forças Armadas Revolucionárias. Como segunda no comando, foi nomeada a tenente Teté Puebla (Castro, 2010, p. 69. Tradução nossa).

²⁴ Isabel Rielo (1940-1989) Chefe do Pelotão feminino Mariana Grajales formado em setembro de 1958. Ao final da guerra ela ocupava o cargo de tenente do exército rebelde. Ascendeu a capitã em 1960, trabalhou no corpo médico no Estado Maior e no Instituto Técnico Militar. Posteriormente, foi designada para dirigir o “*Plan Vegetal de Turibacoa*”.

²⁵ O pelotão de mulheres rebeldes, Mariana Grajales, entrou em ação pela primeira vez nesse combate, suportando firmemente, sem recuar de sua posição, o bombardeio dos tanques Sherman. Esse foi um dos combates com maior precisão e coordenação entre as diferentes armas e unidades (Castro, 2010, p. 95. Tradução nossa).

Rebelde, escrito pelo poeta Jesús Orta Ruiz em janeiro de 1959. O poema, escrito após a vitória da Revolução, serviu como o hino dos combatentes e teve como intuito valorizar as ações e os heróis do processo histórico. No parágrafo abaixo, segue um trecho de *Las Marianas*:

*Pasan capitanes, curtidos labriegos que vienen de arar en la Historia.
Pasan las Marianas sin otras coronas que sus sacrificios: cubanas
marciales, gardenias que un día se hicieron leonas val beso de doña
Mariana Grajales. Con los invasores, pasa el Che Guevara, Alma de los
Andes que trepó el Turquino, San Martín quemante sobre Santa Clara,
Maceo del Plata, Gómez argentino (Ruz Orta, 1959. Grifo nosso)*²⁶.

Alguns elementos do poema chamam a atenção do ponto de vista crítico. Em primeiro lugar, destaca-se a escassa presença feminina entre as figuras mencionadas, majoritariamente homens, que revela uma ênfase tradicionalmente masculina na construção da memória heroica. Em segundo lugar, podemos observar a vinculação simbólica entre as “marianas” e Mariana Grajales, o que sugere uma tentativa de representar essas mulheres como herdeiras legítimas de um legado materno-patriótico, personificado em Grajales.

Tal estratégia reforça a ideia de que a participação feminina estaria condicionada à continuidade de uma linhagem revolucionária previamente legitimada, em vez de ser reconhecida como agente autônoma da transformação histórica. Outro aspecto relevante é o uso de termos como “gardênias” e “leoas”, que, embora reconheçam a bravura das combatentes, permanecem atrelados a uma linguagem marcada por conotações de feminilidade e natureza, o que pode contribuir para suavizar ou idealizar o papel das mulheres na luta armada. A própria inserção desses elementos no poema sinaliza uma tentativa de integrar os eventos da independência e a atuação feminina como partes essenciais do processo revolucionário, embora ainda sob os limites simbólicos impostos por uma tradição discursiva predominantemente masculina.

Além disso, a presença das mulheres na luta revolucionária foi rememorada em 23 de agosto de 1960, pelo então primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro, em seu discurso no ato de fusão de todas as organizações políticas femininas do país, que criou a *Federación de Mujeres Cubanas*. Castro salientou a participação das mulheres e mencionou Mariana Grajales como exemplo combativo. Chama a atenção o fato de que, à época, em um evento

²⁶ Passam capitães, camponeses calejados que vieram de arar a História/ Passam as Marianas sem outras coroas que seus sacrifícios: cubanas marciais, gardênias que um dia se fizeram leoas ao beijo de Dona Mariana Grajales/ Com os invasores, passa Che Guevara, Alma dos Andes que escalou o Turquino, San Martín ardente sobre Santa Clara, Maceo do Prata, Gómez argentino. Disponível em <http://www.granma.cu/hasta-la-victoria-siempre-fidel/2016-12-01/marcha-triunfal-del-ejercito-rebelde-01-12-2016-02-12-37> Acesso em: 20.mai.2025.

voltado ao protagonismo feminino, um dos discursos de maior relevância tenha sido proferido por um homem.

(...) Nuestro país puede sentirse afortunado en muchas cosas, pero entre ellas, la primera de todas, por el magnífico pueblo que posee. Aquí no solo luchan los hombres; aquí, como los hombres, luchan las mujeres (...) Y no es nuevo, ya la historia nos hablaba de grandes mujeres en nuestras luchas por la independencia, y una de ellas las simboliza a todas: Mariana Grajales aquella que le dijo al hijo más pequeño: “¡Empínate, para que vayas a luchar también por tu patria!”; Y en esta etapa heroica de nuestro pueblo, también quedarán grabados para siempre muchos hechos, en los cuales fueron protagonistas mujeres cubanas (...) la Revolución tenía en las mujeres verdaderos combatientes, verdaderas luchadoras (Castro, 1960. Grifo nosso)²⁷.

Apesar de haver várias referências ao Pelotão feminino Mariana Grajales, após a Revolução Cubana, sobretudo fora da ilha caribenha, pouco se discute e conhece sobre as treze mulheres que formavam *Las Marianas*. No Brasil, mesmo existindo diversas pesquisas sobre o processo revolucionário cubano, poucos foram os comentários dedicados ao Pelotão e à Mariana Grajales, mulher que emprestou seu nome à unidade militar feminina. Consideramos que esse fator está atrelado principalmente ao fato de que a historiografia reforça a imagem da Revolução Cubana como uma ação fundamentalmente masculina, destacando a figura do guerrilheiro.

Considerações finais

Embora haja avanços nos estudos das mulheres, a história de Cuba ainda é contada a partir de cânones patriarcais, tendo como personagens principais Fidel Castro, Che Guevara e José Martí. No entanto, as mulheres tiveram expressiva participação nos processos de libertação dos séculos XIX e XX.

Apesar dos percalços percorridos para o processo de integração ao panteão nacional cubano, é inegável que Mariana Grajales desempenhou importante papel político à sua época e passou a integrar a memória e identidade cubana. Além disso, é considerada a mãe da nação, exemplo de bondade, patriotismo e o maior símbolo feminino em Cuba. É a partir desse

²⁷ (...) Nosso país pode se considerar afortunado em muitos aspectos, mas, entre todos, o primeiro é o magnífico povo que possui. Aqui, não lutam apenas os homens; aqui, as mulheres lutam como os homens (...) E isso não é novidade, pois a própria história já nos falava de grandes mulheres em nossas lutas pela independência, e uma delas simboliza todas as demais: Mariana Grajales, aquela que disse ao filho mais novo: “Erga-se, para que vá também lutar por sua pátria!” Nesta etapa heróica do nosso povo, também ficarão para sempre registrados muitos feitos dos quais as mulheres cubanas foram protagonistas (...) a Revolução contava, nas mulheres, com verdadeiras combatentes, verdadeiras lutadoras Disponível em <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f230860e.html> Acesso em: 23. mai. 2025.

contexto de valorização da figura da “mãe da pátria” que surge o Pelotão homônimo, tendo como fio condutor expressar a ideia de continuação do legado de luta pela soberania nacional e a um ideal de feminilidade. Por esse motivo, podemos afirmar que a trajetória de Mariana Grajales está vinculada a das treze guerrilheiras do século XX.

Por fim, conclui-se que foi a partir do processo revolucionário que a posição da mulher começou a ser consolidada em Cuba. Entretanto, ainda que avanços importantes tenham sido alcançados na reconstrução das trajetórias femininas na sequência de eventos revolucionários, persistem obstáculos significativos, como os discutidos ao longo deste artigo, notadamente a predominância de fontes e documentos produzidos, em sua maioria, por sujeitos masculinos e a elaboração de um discurso oficial e historiográfico que masculiniza a luta armada, apagando ou secundarizando a presença feminina. Tal assimetria evidencia a urgência de narrativas elaboradas por mulheres e voltadas para as experiências femininas, capazes de ampliar a compreensão histórica, para além das estruturas hegemônicas.

Fontes

CASTRO, Fidel. **La contraofensiva estratégica**. La Habana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2010.

CASTRO, Fidel. **La contraofensiva estratégica**: Septiembre de 1958. Cuba Debate, 2010. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/especiales/2010/10/29/la-contraofensiva-estrategica-septiembre-de-1958/> Acesso em: 10. jun. 2025.

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, em e lacto de fusion de todas las organizaciones femininas revolucionarias**. Salon-teatro de la CTC, 23 de agosto de 1960. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f230860e.html> Acesso em: 10. jun. 2025.

MARTÍ, José. Mariana Maceo: La madre de los Maceo. In: _____. **Obras completas: volume 05**, 1991, p. 26-27. Disponível em: <https://martianoscuba.wordpress.com/obras-completas-de-jose-marti/>. Acesso em: 5. jun. 2025.

MARTÍ, José. Mariana Maceo: Al General Antonio Maceo, 1991, p. 458-461 In: _____. **Obras completas: volume 02**. Disponível em: <https://martianoscuba.wordpress.com/obras-completas-de-jose-marti/>. Acesso em: 5. jun. 2025.

RUIZ, Jesús Ortiz. Marcha Triunfal del Ejército Rebelde. Disponível em: <http://www.granma.cu/hasta-la-victoria-siempre-fidel/2016-12-01/marcha-triunfal-del-ejercito-rebelde-01-12-2016-02-12-37> Acesso em: 20. mai. 2025.

Referências

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. 136 p. (Coleção Revoluções do século XX).

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- CUPULL, Adys; GONZÁLEZ, Froilán. **Mariana: raíz del alma cubana**. La Habana: Editora Política, 2017.
- GOOSSES, Andreas. La tierra gira masculinamente, compañero: el ideal de masculinidad del guerrillero. In: HELFRICH, Silke (org.). **Género, feminismo y masculinidad en América Latina**. El Salvador: Heinrich Böll, 2001, p. 207-223
- GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GUEVARA, Ernesto Che. **Diário de um combatente**. São Paulo: Planeta, 2012.
- HAAN, Francisca de. La Federación Democrática Internacional de Mujeres (FDIM) y América Latina, de 1945 a los años setenta. In: VALOBRA, Adriana; YUSTA, Mercedes. **Queridas Camaradas: Historias iberoamericanas de mujeres comunistas**. Buenos Aires: Myño y Dávila, 2017, p. 17-44.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 103-133.
- Las Marianas. In: EcuRed. Disponível em: < https://www.ecured.cu/Las_Marianas>. Acesso em: 10.jun. 2025.
- PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995. Dossiê: História das mulheres no Ocidente.
- PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação da Revolução Cubana (1959-2009)**. 2013. 258 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14538>>. Acesso em: 5 jun. 2025.
- PRADO, Maria Lígia. **A formação das nações latino-americanas**. São Paulo: Editora Atual, 1994.
- SÁNCHEZ-FUJISHIRO, Lídia. **El ayer colonial de la mujer afrodescendiente cubana del siglo XIX: ¿riqueza legitimada?** Disponível em: <<https://santiago.uo.edu.cu/index.php/stgo/article/view/3814>>. Acesso em: 25 fev. 2025.
- SCHACTAE, Andréa Mazurok. O guerrilheiro heróico: o mito Che e a Revolução Cubana. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Online. **Anais do XXXI Simpósio Nacional de História – História, verdade e tecnologia**. Rio de Janeiro: ANPUH, 2021. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2024-07/1721811600_1769a184b3ae7581ecabaf4654e2cda7.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero**, Florianópolis, 2017, p. 1-12.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 275-296.
- SOUZA, Priscila de Lima. Pardos letrados em sociedades escravistas: educação e mudança de status social (América Portuguesa e Caribe Espanhol, c.1750-1807). **Almanack**, São Paulo, n. 34, p. 1-26, 2023. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/2236-463334ea00922>>. Acesso em: 18 maio 2025.

WATERS, Mary-Alice. **Marianas en combate**: Teté Puebla e el Pelotón Mariana Grajales em la guerra revolucionaria cubana 1956-58. EUA: Pathfinder Press, 2018.